

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Denise Tavares de Oliveira Bettamio

**DE UTOPIA OITENTISTA À DECEPÇÃO: O MOVIMENTO
VAPORWAVE E A COOPTAÇÃO PELA ALT-RIGHT**

São Paulo
2022

DENISE TAVARES DE OLIVEIRA BETTAMIO

**De utopia oitentista à decepção: O movimento Vaporwave e a Cooptação
pela Alt-Right**

Artigo apresentado como requisito parcial
à obtenção do título de bacharel em Relações
Internacionais pela faculdade de Relações
Internacionais da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo – PUC-SP. Orientador:
Prof. Dr. David Almstadter de Magalhães.

SÃO PAULO
2022

De utopia oitentista à decepção

O movimento Vaporwave e a Cooptação pela Alt-Right

Trabalho final, apresentado a Universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

São Paulo, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. (Nome do orientador)
Afiliações

Prof. (Nome do professor avaliador)
Afiliações

Prof. (Nome do professor avaliador)
Afiliações

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Floral Shoppe フローラルの専門店	16
Figura 2 – Vanishing Vision	17
Figura 3 – Initiation Tape	17
Figura 4 – nightlife	18
Figura 5 – 슈퍼마켓Yes! We're Open	19
Figura 6 – Day of the Rope Fashwave	23
Figura 7 – Come on in, I'll treat you right	23
Figura 8 – Reject the Literary Club	24
Figura 9 – Human rights can only be assured among a virtuous people	24
Figura 10 – Apotheosis	25
Figura 11 – Dying society	25
Figura 12 – Equality is a false god	26
Figura 13 – Revolt against the modern world	27
Figura 14 – Trumpwave (Vice)	28
Figura 15 – Trumpwave (Youtube)	29
Figura 16 – Twitter Carla Zambelli	29
Figura 17 – Twitter Filipe Martins	30
Figura 18 – Bolsowave	30

RESUMO

O ambiente online se tornou ao longo desse segundo milênio espaço essencial para a propagação de ideologias de extrema-direita. O alcance global das redes sociais permite que tais ideias se espalhem independentemente de fronteiras nacionais, algo compartilhado por um membro da extrema-direita norte-americana rapidamente é integrado à grupos extremistas brasileiros. Assim, o presente trabalho explora uma corrente estética e musical cooptados pela Alt-Right, o Vaporwave, o qual, apropriado pela extrema direita se desdobra no Fashwave. A fim de compreender as possíveis razões que motivou a cooptação do Vaporwave.

Palavras-chave: Vaporwave. Alt-Right. Fashwave. Fascismo. Internet. Nostalgia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 ALT-RIGHT: FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS.....	8
2 O MOVIMENTO VAPORWAVE.....	15
3 COOPTAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO.....	20
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
REFERÊNCIAS DE SOM E IMAGEM.....	33

INTRODUÇÃO

A partir do crescimento dos movimentos ultranacionalistas na Europa e em especial com a eleição de Donald Trump, e consequente protesto “*Unite the Right*” em Charlottesville e a invasão ao Capitólio por parte de apoiadores do mesmo em 2021; os movimentos de extrema direita, que até então estavam inseridos quase exclusivamente na esfera virtual dos fóruns online, transpõem-se a realidade concreta (Williams, 2019). Dessa forma, gera-se uma crescente necessidade de estudos a respeito dos movimentos de extrema direita atuais. Ainda que a não reeleição de Trump em 2020, aponta para a atenuação da força desses movimentos, a extrema direita continua sendo uma ameaça palpável à democracia. Assim, a agenda de estudos a respeito do movimento permanece relevante.

Como citado acima, os movimentos de extrema direita se limitavam essencialmente a fóruns online e cresceram na internet durante anos de 2010, o grupo articulado em redes recebeu o nome de “Alt-Right”, abreviação de “alternative right”. O ambiente da internet constitui um instrumento fundamental para a ascensão atual do movimento e para a sua reprodução (Bogerts; Fielitz, 2018). A possibilidade de anonimato e baixo monitoramento de discursos de ódio, tornou o espaço online ideal para a propagação da ideologia e cultura do grupo. Logo, são abundantes os estudos que focam nessa dimensão do movimento e buscam compreender os elementos discursivos, simbólicos e imagens mobilizados pelos grupos online. Mais recentemente, em particular, durante a campanha eleitoral de Donald Trump, chamou atenção a ascensão de um movimento estético nos fóruns da alt-right, o “*Vaporwave*”, também chamado, quando utilizado pelos grupos extremista de, “*Trumpwave*” (junção de Trump com vaporwave) ou “*Fashwave*” (junção de fascismo com vaporwave).

O vaporwave é um movimento estético que abrange duas esferas, a musical e a visual. Nascido em meados de 2010 dentro do espaço online com um viés crítico à sociedade de consumo, o movimento se constrói a partir de referências, principalmente, aos anos 80 e 90. Tanto a música quanto o visual, são produzidos a partir de recortes e colagens, no caso musical a partir do recorte de “*samples*” musicais das décadas de 80 e 90, e a parte visual se faz pelo recorte de imagens que remetem às duas décadas, além de referências a cultura grega romana e japonesa (Alexandre; Maeso, 2019). Não havendo assim em sua gênese, qualquer ligação direta com grupos de extrema direita.

Pensando na importância que discursos, símbolos e imagens têm nos movimentos de extrema direita, o objetivo do presente estudo é buscar explicações dos motivos para a

cooptação do vaporwave pelo movimento. Assim, em um primeiro momento, irá se analisar as raízes ideológicas da alt-right, a fim de delinear suas características; em segundo, descrever o movimento estético do vaporwave, a partir de sua origem, construção, crítica e peculiaridades. Por último, fica o estudo dos possíveis motivos da apropriação do vaporwave pelos grupos de extrema direita, assim como uma análise de como os elementos ideológicos e culturais estudados se manifestam dentro dessa estética.

1 Alt-Right: Fundamentos Ideológicos

Marco na história política recente dos Estados Unidos, as eleições de 2016 inseriram no debate político norte-americano o movimento de extrema direita Alt-Right, até então pouco comentado. A Alt-right alcança notoriedade internacional em agosto de 2017 na manifestação “*Unite the Right*” em Charlottesville, Virgínia, e em janeiro de 2021, volta a ser assunto da mídia internacional com a invasão ao Capitólio por apoiadores do ex-presidente derrotado Donald Trump, após as alegações, por parte de Trump, de fraudes eleitorais. Tais eventos marcaram a abertura de uma nova agenda de estudos, em especial nos Estados Unidos, a respeito da extrema direita no país, com as publicações se concentrando entre 2018 a 2020.

A partir de três textos bases, busca-se delimitar de forma suficiente, para os fins deste trabalho, o movimento Alt-Right. Focando em sua origem, descrição, fundamentos ideológicos e forma de atuação política. Os textos escolhidos são: “*The Rise of the Alt-Right*”, de Thomas J. Main; “*The Alt-Right: What Everybody Needs to Know*”, de George Hawley e “*The Nature of the Alt-Right*”, de Byron Edward Williams. Enquanto os dois primeiros textos buscam descrever, quase em totalidade, o movimento de extrema direita, o último busca sustentar a tese que a Alt-Right é um movimento fascista.

O termo "Alt-Right", é abreviação para “Alternative Right”. Tanto Hawley quanto Main, traçam o nascimento da Alt-Right a partir do movimento conservador do pós Segunda Guerra Mundial (atualmente chamado de paleoconservadorismo), que para competir com a ascensão do movimento neoconservador, passou a realizar um movimento de ostracismo contra membros que compartilhassem de forma pública ideias abertamente intolerantes e radicais (Hawley, 2019; Main, 2018). Ambos autores enfatizam o papel do periódico “*National Review*”, como principal ator desse processo. Main, entretanto, explora o surgimento da Alt-Right de forma mais profunda que Hawley, e atenta para o teórico paleoconservador Paul Gottfried. Figura central para o movimento e responsável por cunhar o

termo Alt-Right, em 2008 com o discurso *“The Decline and Rise of the Alternative Right”* (Hawley, 2019). Gottfried será retomado mais tarde para discutir os fundamentos ideológicos do movimento.

Todos os três autores, Hawley, Main e Williams, buscam em certa medida delimitar o movimento da Alt-Right, porém não o definem de forma rigorosa, uma vez que o movimento não possui uma consistência ideológica ou unidade; há uma ausência de uma estrutura organizacional que permita e reforce uma conformidade, sendo “Alt-Right” um termo tanto quanto inócuo (Hawley, 2019). A definição escolhida por Williams, porém, permite traçar uma ideia geral da natureza do movimento: *“Um conjunto de ideologias, grupos e indivíduos de extrema-direita, cuja crença principal seria que a “identidade branca” está sob ataque de forças multiculturais que utilizando-se do “politicamente correto” e da “justiça social”, minam as pessoas brancas e a sua civilização”* (Main, 2018, pg. 7 *apud* The Southern Poverty Law Center). O conceito utilizado por Williams, portanto, abrange a heterogeneidade do movimento ao mesmo tempo que define um dos pontos mais centrais da Alt-Right, a “identidade branca”. Ela, entretanto, é simplista demais.

Mesmo que o movimento se divida dentro de questões chaves como: aborto, religião, capitalismo e questões de táticas e estratégias políticas (Hawley, 2019), existem alguns elementos essenciais à Alt-Right. Para descrever o movimento, Main elenca uma série de definições dadas por nomes conhecidos da Alt-Right, e tipifica quatro características fundamentais a partir delas.

A tipificação divide-se em: rejeição do igualitarismo e da democracia liberal, não existe igualdade entre indivíduos, logo a democracia é obsoleta; “racialismo branco”, política só pode ser adequada se os brancos forem politicamente predominantes; anti-americanismo, os EUA teriam falhado com os seus cidadãos brancos ao promover igualdade racial, dessa forma eles não devem lealdade ao país e sim a sua raça e por último a prática de uma “retórica vitriólica”, que promove *“racebaiting”*, humor grosseiro, estereótipos prejudiciais, críticas ofensivas e a ostentação de símbolos extremistas (Main, 2018). A caracterização de Main, complementa a de Williams; aponta para primazia da questão racial, ou da “identidade branca” e compreende outros elementos essenciais ao movimento, os quais serão recorrentes em toda a bibliografia sobre o tema.

Um assunto recorrente nos estudos da Alt-Right é a sua relação com o fascismo e o nazismo. Os três autores concordam que o movimento é fascista, visto que a Alt-Right adapta

e adota elementos chave de ideologias fascistas, sendo uma mistura deste com outras ideologias reacionárias (Main, 2018). A conexão com nazismo é um tanto mais complicada. Como pontua Hawley, “Os elementos mais radicais da Alt-Right não têm nenhum problema em se descreverem como neonazistas. No entanto, esta não é a visão geral dentro do movimento: *“Muitas pessoas na Alt-Right criticam a adoção dos slogans e sensibilidades estéticas da Alemanha de Hitler”* (Hawley, 2019, pg. 16).

A partir do que foi exposto, a Alt-Right, portanto, pode ser caracterizada como um movimento de extrema direita fascista cujo fundamento político se dá pela concepção de identidade, tendo essa como principal alicerce a ideia e a “raça” (Hawley, 2019). Dessa forma, o foco do movimento são políticas de identidade, todas essas voltadas para a defesa e prosperidade da “raça” branca. Assim, quaisquer temas discutidos dentro da Alt-Right terão um recorte racial explícito.

A essência do pensamento da Alt-Right é tratada pelos autores a partir de focos teóricos diferentes, porém não há divergências a respeito dos pontos ideológicos e intelectuais que estruturam o movimento. Enquanto Williams salienta as convergências entre o pensamento fascista na Alt-Right, Hawley trabalha em identificar as possíveis influências intelectuais e ideológicas do movimento, e como essas se diferenciam do último, Main, finalmente, descreve os teóricos e correntes que teriam servido de base ideológica e intelectual da Alt-Right.

O tema do nacionalismo branco, perpassado por um racismo científico, se caracteriza pela busca de um Estado étnico e racialmente puro, em síntese, um Etno-Estado, justificado pela ideia na qual a raça branca e sua cultura, dentro de Estados “historicamente brancos”, estaria sendo desvalorizada em relação à outras culturas e raças (Hawley, 2019; Main, 2018; Williams, 2018). Dentro dessa corrente, se destaca o grupo *“Highbrow White Nationalism”*, apontado por Hawley como um de grande influência dentro da Alt-Right. A partir de uma visão racista, justificada por um “cientificismo”, buscam reviver ideias eugenistas de raça usando filósofos e cientistas que validem suas ideias. Diferentemente de grupos racistas típicos, eles evitam o emprego de violência e ameaças físicas, preferindo o uso de jornais que utilizem jargão acadêmico (Hawley, 2019).

Dentro dessa visão é possível citar o filósofo, Michael Levin, nome conhecido dentro da Alt-Right, sendo escritor contribuidor para o site *“American Renaissance”*, de orientação para a extrema direita. Segundo Levin, as “três raças”: brancos, negros e asiáticos; diferem

uma das outras em termos psicológicos e de comportamento social, sendo a “raça negra” inferior em relação as outras duas (Main, 2018). Portanto, a partir dessas diferenças, os indivíduos deveriam ser julgados a partir de suas raças.

Como apontado por Williams e Main, é possível observar uma forte inclinação do movimento para ideias distorcidas do Darwinismo. Uma vez que, sendo a raça branca superior “... [a] competição darwiniana é entendida como o único modo de viver, porque, de acordo com a *Alt-Right*, a natural superioridade branca iria prevalecer” (Williams, 2018, pg. 53). A ideia de competição vai ao encontro da questão racial dentro do fascismo-nazismo, o qual atrela a ideia de nação com a de raça (Williams, 2018). Os dois fundamentos para esse pensamento são: uma ideia organicista de nação, que coloca ênfase em uma conectividade coletiva de uma determinada nação à uma narrativa de ancestralidade, história e raízes da terra, na qual o sangue dos indivíduos, ou seja sua ancestralidade, as conecta ao território da nação (Williams, 2018). Essa abstração é expandida pela *Alt-Right* de forma a englobar a raça branca no geral, a fim de celebrar seus ancestrais e gerar um sentimento de superioridade em relação aos outros; criaria-se uma suposta “solidariedade branca”.

O segundo fundamento partiria da teoria política de Carl Schmitt. Williams, ao construir seu argumento não cita Schmitt, porém Main pontua a influência do teórico para o movimento de extrema direita: “A ideia que identificar alguém como inimigo é a essência da política é, naturalmente, central à filosofia política de Carl Schmitt e adotada inteiramente pela *Alt-Right*” (Main, 2018, pg. 252). Em adição, a descrição de Williams da disputa contínua entre identidades étnicas e raciais diferentes e a consequente impossibilidade de viverem em harmonia, é semelhante à construção do conceito de “política” de Schmitt. Para o teórico, só é possível estabelecer uma relação política quando se estabelece uma relação inimigo-amigo; inimigo esse, entendido sempre como o outro estrangeiro o qual não me identifico, aquele que nega a minha identidade. Assim, para se autoafirmar é necessário negar a identidade do outro.

A redução da ideia de cidadania e nação à marcadores raciais, serve, portanto, como instrumento para delimitar quem são os inimigos que estariam minando a identidade nacional. No caso, para a *Alt-Right*, seriam as populações não brancas que estariam “pervertendo” a pureza nacional, e causando um “genocídio branco” (Williams, 2018). Outro teórico que trabalha em cima dessa ideia é Guillaume Faye, citado por Williams e Hawley. Faye entende o direito à diferença, como sendo a eliminação de uma sociedade multirracial, a qual, segundo

ele, seria multiracista, visto a constante disputa entre as raças em negar as identidades uma das outras (François, 2019). Defendendo assim a remoção de grupos não brancos de “regiões historicamente brancas”, para Faye em específico a Europa. A proposta de retirada de indivíduos não brancos é amplamente defendida por alguns membros da Alt-Right que advogam para uma “limpeza étnica não violenta” (Hawley, 2019; Main, 2018; Williams, 2018), incentivado, sem o uso da violência, que tais grupos voltem a suas “terras ancestrais”.

É a partir dessas concepções de identidade e raça, que a Alt-Right desenvolve sua crítica ao igualitarismo e à democracia liberal. Em linhas gerais, critica-se que ambos são responsáveis pelo declínio da identidade branca. Partindo da concepção racista de que os indivíduos não são iguais, o movimento não aceita a doutrina igualitarista, uma vez que havendo raças superiores e inferiores, é natural que umas tenham mais direitos que outras. Assim, são enfaticamente contrários às políticas afirmativas de identidade, que para o grupo estariam favorecendo, especialmente, as populações negras e marginalizando os brancos ao abrir uma janela de oportunidades “não natural” para minorias.

A crítica à democracia se constrói, entre outros assuntos, em cima da corrente da Teoria da Elites. Entre os intelectuais responsáveis pela construção da ideia, Main e Hawley destacam Samuel Francis. Para o teórico, uma “nova direita” autêntica devia romper definitivamente com a democracia liberal cosmopolita, que nada mais seria que uma forma de totalitarismo. Visto que as comunidades negras e outras vítimas de preconceito, se beneficiando das políticas sociais liberais, formariam aliança com a elite governamental para benefício próprio, enquanto força os brancos de classe média a pagar a conta (Hawley, 2019; Main, 2018). Assim, seria necessário que essa classe média branca, o qual o Francis conceitua como MARs (*Middle American Radicals*), iniciassem uma revolta populista contra as elites governantes. A ideologia MARs, deveria abarcar: seguridade econômica, providos por programas do Estado de bem-estar; coletivismo e um partido político único centralizado e “grandioso” (Main, 2018). Não, havendo assim, muita semelhança à democracia liberal.

A caracterização da democracia liberal como um sistema totalitário, reaparece em Paul Gottfried, paleoconservador responsável por cunhar o termo “*Alternative Right*” e figura central entre a transição do paleoconservadorismo para a Alt-Right. Gottfried, parte da mesma concepção que Francis: regimes democráticos liberais modernos são praticamente sistemas de dominação. Partindo desse pressuposto, o autor propõe uma “Direita Alternativa”, que compreenderia a rejeição do centrismo republicano e do igualitarismo racial, abraçando

explicitamente o racismo científico (Main, 2018). Ademais, Gottfried trabalha na defesa do fascismo de Mussolini, descartando toda a natureza violenta do regime a fim de torná-lo mais digerível, o qual ele define como “fascismo genérico” (Main, 2018). Sendo esse, na opinião do autor, um modelo de governo preferível à democracia liberal.

Com base nas críticas à democracia liberal e ao igualitarismo, não é surpresa que a Alt-Right possua uma linha anti-americanista. No geral, desaprova-se, se não em conteúdo em interpretação, os dois documentos fundamentais da política norte-americana que lançam os princípios da democracia e igualitarismo: a Declaração de Independência e a Constituição. É importante pontuar, porém, que o anti-americanismo está mais relacionado com a configuração social dos EUA presente. Tanto que é feita uma diferenciação entre “América” e “Estados Unidos da América” (Main, 2018). O primeiro representando a organização social pré-Guerra Fria, um território demográfico e politicamente de maioria branca; esse por conseguinte seria a verdadeira essência do país. Enquanto o “Estados Unidos da América”, representaria uma distorção dessa essência real; um território multiracial e igualitário (Main, 2018). Logo, defende-se a ideia de restaurar a “América”, normalmente partindo do pressuposto de Faye de remoção dos grupos não-brancos.

Outras referências importantes para o movimento são as teses de Oswald Spengler, em particular sua obra "Declínio do Ocidente". Influenciado principalmente pelas ideias de vitalismo e morfologia de Goethe, assim como pelas críticas culturais e anti-modernismo de Nietzsche; Spengler teoriza que todas as culturas, assim como seres vivos, possuem fases de crescimento, estabilidade, declínio e morte, sendo o declínio cultural inevitável (Engels, 2019). O fim da Primeira Guerra, propaga um sentimento de decadência da cultura e sociedade europeia, a qual o autor atribui pela expansão da tecnologia, imperialismo e da sociedade de massa; Spengler antevê que após esse estágio a cultura europeia deve fossilizar-se e declinar a partir dos anos 2000 (Engels, 2019).

Esse cenário, fundamenta as críticas do autor para com a democracia, o liberalismo político e o capitalismo; características, para ele, de uma civilização decadente. Para Spengler, o declínio e “morte” da cultura ocidental é inevitável, não existindo forma de governo capaz de impedir tal ciclo (Engels, 2019). A alt-right adapta a ideia de declínio da cultura ocidental, para uma de declínio da cultura branca, motivada, também, pela sociedade moderna. Entretanto, enquanto Spengler possui uma visão pessimista de um futuro inelutável, a alt-right busca remediar a situação da cultura branca. Outro intelectual influente no movimento seria

Julius Evola, como os conceitos de “*men among the ruins*”, “*ride the tiger*”, “*kaliyuga*” e a ideia de transcendência do autor. Ambos autores e ideias serão retomados com mais detalhe no capítulo três.

A ideia de “retórica vitriólica” de Main, diz respeito à atuação online da Alt-Right. É consenso entre os autores que o movimento de extrema direita se apresenta de forma mais enfática na internet (Hawley, 2019; Main, 2018; Williams, 2018). A forte presença online é explicada pelos objetivos do grupo. Tanto para Hawley quanto Main, a Alt-Right possui pouco interesse no fazer político, não havendo um conjunto coeso de propostas políticas. Sendo, portanto, um movimento mais ideológico que político.

O foco então seria na metapolítica, conceito formulado por Alain Benoist a partir de influências gramscianas; busca-se primeiro mudar como as pessoas pensam sobre política antes da ordem política em si. A Alt-Right, busca assim mudar a percepção ideológica dos brancos norte-americanos a respeito de valores básicos como democracia e igualdade, para então poder mudar a realidade política dos EUA como um todo (Hawley, 2019; Main, 2018). Dessa forma, a internet se torna uma plataforma ideal para tal objetivo, é um espaço no qual pode-se, quietamente, radicalizar uma pessoa que no cotidiano não teria contato com ideias radicais (Hawley, 2019), pois conta com a possibilidade de anonimato, que diminui as chances de responsabilização reais para aquilo que é compartilhado, assim como pela formação de bolhas de interesses e baixa supervisão.

A postura online do movimento é marcada principalmente pelo uso da ironia/humor e da vulgaridade, por serem elementos importantes para ganhar atenção (Hawley, 2019; Main, 2018; Williams, 2018). A adoção da ironia serve para criar uma ar de negação plausível: “*Grande parte da Alt-Right apresenta seu racismo de forma irônica, levantando questões sobre sua sinceridade. Nem sempre é claro se um simpatizante da Alt-Right está espalhando uma mensagem racista ou anti-semita de modo genuíno ou apenas dizendo coisas ultrajantes para o valor de choque*” (Hawley, 2019, pg. 65). A combinação de imagens e discursos extremistas com humor ridículo, serve para confundir observadores externos, e no caso de repressão pela postagem, pode-se responder que foi apenas uma piada. Outra estratégia é suavização da retórica extremista e o não uso de insultos preconceituosos, de modo a parecerem mais inocentes, e provocar quem não é associado com o movimento em compartilhar (Hawley, 2019). No geral, o uso do humor e da ironia serviriam para normalizar a ideologia da Alt-Right.

2 O movimento “Vaporwave”

A conquista de um bilhão de usuários ativos mensais em 2012 pelo Facebook (The Washington Post, 2012), marca a era de ascensão da internet e das redes sociais na década de 2010. É nesse momento que o vaporwave surge como movimento estético e musical; florescendo em meados dos anos 2010 em sites como *Bandcamp*, *Soundcloud* e *Reddit*, dentro de nichos sociais específicos desses sites, o qual permitia o compartilhamento, a descoberta e interação entre novos produtores musicais desse gênero ainda nascente (Alexandre; Maeso, 2019). Originário do “*underground online*”, o vaporwave é tanto um gênero musical e uma estética quanto uma comunidade que cresceu com a ênfase em acolher outros dentro dele (Tanner, 2016).

O nome “vaporwave” é uma derivação do termo “*vaporware*”, desenvolvido na indústria da computação para designar hardwares ou softwares que são anunciados ao público, mas não são manufaturados, ou seja, designa um produto “inexistente” (Alexandre, Maeso, 2019; McLeod, 2018). Concebido a partir de uma lógica de “*do it yourself*” (faça você mesmo), o vaporwave opera pela premissa de que qualquer pessoa com um computador pode produzir música, seja ela amadora ou em nível profissional (McLeod, 2018; Tanner, 2016), visto que, pela primeira vez existe tecnologia disponível para tal feito, sendo assim uma música e estética digitalmente mediada.

Como movimento musical, o vaporwave se constrói pela manipulação criativa de “*samples*” musicais do final do século XX, em especial dos anos 80/90, e de “músicas periféricas” ou “incidentais”. Aquelas projetadas para serem tocadas ao “fundo” das nossas vidas cotidianas, enquanto realizamos uma ação superficial e chata, mas necessária a qual tipicamente envolve o consumo; como por exemplo, música de elevador (Tanner, 2016). A manipulação dos “*samples*” se faz digitalmente pela repetição e fragmentação das músicas pré-existentes, pela alteração do tom e reduzindo dramaticamente o tempo da música de modo que os sons se tornam letárgicos. As repetições também podem evoluir sonoramente ou serem interrompidos com ruídos ou outros sons, “quebrando” a música e passando a impressão de falha. (Azambuja, Montenegro, 2020; McLeod, 2018; Tanner, 2016).

Essa deformação das músicas “periféricas” e noventa/oitentistas, busca deslocar o sentido dessas produções para a instância do ridículo/hilário, a fim de criticar a cultura que se desenvolve no período e que reduz o indivíduo à consumidor. Para tanto, o vaporwave utiliza os próprios produtos desse esvaziamento cultural produzido pelo capitalismo para

desenvolver sua crítica (Azambuja; Montenegro, 2020). Como pontua Tanner em, “Babbling Corpse: Vaporwave and the Commodification of Ghosts”: *“A essência do vaporwave é crítica ao capitalismo tardio em todos os seus estágios de produção”* (Tanner, 2016, pg. 43). vaporwave confronta a “[...] cultura obsessiva de consumo nascida nos anos 1980, criando um híbrido entre os exageros da estética do capitalismo e uma atitude mais assemelhada ao punk rock (pela crítica), ao post-punk (pela tristeza e nostalgia) e à denúncia do consumismo” (Alexandre; Maeso, 2019, pg. 54).



Figura 1: Capa do álbum Floral Shoppe フローラルの専門店, da artista Macintosh Plus’.

Os álbuns da corrente vaporwave, tendem a ser incrivelmente coesos, com todos os elementos artísticos sendo trabalhados dentro de uma chave temática unificadora (Tanner, 2016). Existe assim, uma identidade visual específica dentro do movimento, a “AESTHETICS”. A qual se apoia fortemente em imagens que evoquem a vida sob o capitalismo, tanto passado como presente. Entre os elementos mais comuns dessa identidade visual está o uso de cores saturadas ou neon, estátuas gregas, imagens de sistemas operacionais antigos, metrópoles, logos de marcas famosas, imagens pixeladas ou propositadamente distorcidas ou “glitched” para dar a impressão de estática de uma televisão ou uma fita VHS, etc.



Figura 2: Capa do álbum *Vanishing Vision*, do artista Internet Club.

A intensa referência ao imaginário tecnológico, tanto na música quanto visualmente, acarretou no emprego de simbologias japonesas dentro do vaporwave, como é possível observar pelas imagens. Dado que a economia do país nos anos 80 e início dos 90, florescia e estava a frente do corporativismo e consumo de eletrônicos, transformando o Japão em uma promessa de utopia tecno-econômica (McLeod, 2018). A relação do movimento com a tecnologia, indiretamente, constrói referências à filosofia de Gilles Deleuze, com a ideia de aceleracionismo. A intensificação da produção e do uso de tecnologia paralelamente ao capitalismo promove a “mistura” do ser humano com o digital (McLeod, 2018).



Figura 3: Capa do álbum *Initiation Tape*, do artista New Dreams Ltd.

O formato sonoro da música, com suas repetições e “falhas”, procura repensar a relação do humano com os eletrônicos, de forma a forçar o reconhecimento do quanto desconhecemos a tecnologia onipresente na vida cotidiana. Traz-se para perto do indivíduo a máquina, a fim de abrir o ser humano para a alteridade do tecnológico. A música expõe os elementos de maquinário da consciência humana ao mesmo tempo que nos leva para longe do ser, de forma a apontar para o tema contemporâneo do “desaparecimento do reinado da humanidade” em prol das máquinas (Tanner, 2016; Tutters, 2021).

Outra ligação filosófica do vaporwave é com Jacques Derrida, a partir do conceito de fantologia. O termo cunhado por Derrida representa um dissenso de tempo e espaço na identidade dos sujeitos contemporâneos, a qual a percepção do presente é influenciada pelo passado e como imaginamos o futuro. Parte da idealização de um futuro ilustre no passado, que não atingido, assombra o presente, causando uma perturbação da ideia de tempo como uma sequência ordenada de passado, presente e futuro. (Alexandre, Maeso, 2019; Tanner, 2016). Para Derrida, o passado tem assombrado o presente desde a sua assombração inicial e continuará a assombrá-lo.



Figura 4: Capa da música nightlife, da artista 死夢VANITY.

O vaporwave ao promover o retorno aos elementos de uma época, estabelece com o passado uma relação de construção narrativa, a qual a ressignificação desses elementos é

também um novo modo de recontar o passado, este, portanto, apresenta-se como presente. O regresso ao passado não é motivado unicamente por uma nostalgia, mas como um sintoma de que alguma questão do período original continua em aberto (Alexandre; Maeso, 2019). No caso desse gênero, é o fracasso da promessa neoliberal de livre mercado dos anos 80. Assim, o vaporwave é essencialmente uma arte de fantologia. A melodia composta com baixa qualidade de edição, aliada ao grande uso de ecos e defeitos nas faixas, busca evocar um sentimento do passado assombrando o presente; ela chama atenção à estrutura de repetição da história e estranheza da quebra temporal (Alexandre, Maeso, 2019; Tanner, 2016). O vaporwave representa, em última análise, o luto a esse futuro perdido no tempo.

A arte de fantologia também cria uma quebra do espaço como algo contínuo, de forma paralela com a ideia de “não-lugar” do antropólogo Marc Augé. Esse “não-lugar”, como produto do capitalismo e da desintegração espacial, são espaços que simbolizam o consumo capitalista, pois são locais reservados para promover a compra e venda de bens. Podendo ser encontrados em qualquer cidade, dissolvendo um senso de pertencimento, na medida que existem em qualquer região (Tanner, 2016). Tais "não-lugares" são aeroportos, shoppings, mercados, etc.



Figura 5: Capa do album 슈퍼마켓 Yes! We're Open, do artista 식료품groceries.

Ademais, na medida que o consumismo se expande, os “não-lugares” fundem quase que inteiramente a arte no comércio. São espaços que se assemelham mais entre si do que dos

locais particulares em que estão localizados; são áreas de consumo que parecem não ter qualquer tangibilidade espacial (Tanner, 2016). Os sons, as imagens e até mesmo a arquitetura dos “não-lugares” são parecidos. Não é coincidência que o shopping seja tão recorrente no imaginário vaporwave, ele é a essência das questões mais cruciais que o movimento critica. *“Vaporwave é a música do “não-temporal” e do “não-lugar”, porque é cético sobre o que a cultura de consumo tem feito ao tempo e ao espaço”* (Tanner, 2016, pg. 43).

3 Cooptação e ressignificação

Pepe, o Sapo, do cartunista Matt Furie, nasceu originalmente como um símbolo de benevolência, até ser apropriado pela alt-right. A imagem de Pepe se tornou um meme usado para difundir mensagens de supremacia branca, nacionalismo, homofobia, misoginia, entre outros; a ponto de ser classificado como um símbolo de ódio em 2016 pela “Anti-Defamation League” (McLeod, 2018). O método de cooptação de símbolos, imagens, objetos, etc. por movimentos de extrema direita não é incomum e diversos desses objetos apropriados nem ao menos se relacionam indiretamente com extremismos de direita, como é o caso do Pepe pela alt-right e do desenho *“My Little Pony”* por movimentos neo-nazistas (New York Post, 2020).

No caso do vaporwave, apesar de não existir uma conexão direta entre os fundamentos dessa corrente musical e estética com a alt-right, a nostalgia e saudosismo (ainda que críticos) aliados à uma vontade de transcender a sociedade de consumo capitalista presentes no movimento, acaba por indiretamente o relacionar com o imaginário do movimento da alt-right. Esse, porém, não seria motivo único para a apropriação do vaporwave pela extrema direita. A estética e musicalidade da corrente não são elementos que um associaria essencialmente a grupos extremistas de direita, sendo esse um dos pontos cruciais para compreender como o processo de cooptação e ressignificação ocorreu.

Antes de entrar no processo de apropriação do vaporwave pela alt-right, é preciso compreender como exatamente enxergamos e entendemos o que é fascismo. Para tanto, será utilizado como base o livro *“Our Nazis: Representations of Fascism in Contemporary Literature and Film”*, de Petra Rau. A autora busca compreender como as representações de nazistas em filmes e livros afetam nosso entendimento a respeito do que é e do que foi o fascismo; assim a autora cria uma distinção entre aquilo que é construído como alegoria, o “fascismo”/ “nazismo” e o fascismo/nazismo como o elemento histórico e concreto.

Existe atualmente uma quantidade extensa de produtos sobre a Segunda Guerra Mundial. Desde narrativas fictícias e documentários ambientados no período até sites dedicados a “Kitlers” (gatos que infelizmente se parecem com Hitler); vídeos no Youtube, o qual aficionados em LEGO recriam comícios do partido nazista; venda de “reliquias” do Terceiro Reich, entre diversos outros. Esse cenário evidencia, em específico no ocidente, uma inadmissível, porém incontável curiosidade sobre fascismo (Petra, 2013). A fascinação pelo movimento já foi objeto de discussão por diversos autores; Susan Sontag na década de 1970 já identifica uma proliferação da estética fascista na arte, no cinema e na cultura popular contemporânea.

Esse “mercado fascista” se desenvolve em particular em países que nunca experimentaram esse tipo de governo. Petra aponta para a Grã-Bretanha e os Estados Unidos como seus maiores produtores. Ambos países trabalham o movimento como uma alteridade absoluta às suas identidades contemporâneas de democracias liberais (Petra, 2013). A ideia de “nazismos/fascismos”, em contraposição ao nazismo/fascismo se desenvolve a partir de negação do Outro. “Nazismos”/“Fascismos” é uma figura de linguagem que representa uma retórica sobre totalitarismo possuindo uma iconografia específica (Petra, 2013). É um objeto exótico e exotificado como: bárbaro, estranho, alienado e igualmente glamourizado e erotizado. Corresponde a uma fantasia cultural que preenche uma lacuna experimental na história e cultura norte-americana e inglesa (Petra, 2013). Essa construção do Outro exótico, entretanto, impossibilita identificar nas suas próprias democracias suas tendências fascistas; a cultura ocidental utiliza do “fascismo” para evitar olhar para si mesma.

A excessiva quantidade de filmes e livros de ficção ambientados no Terceiro Reich, portanto, representa os desejos de um público, predominantemente britânico e norte americano, que busca preencher uma lacuna experiencial com uma fantasia cultural. O “fascismo” oferece uma versão “comodificada” e consumível dessa experiência. A ficção possibilita, em certa medida, se distanciar de eventos históricos em termos de tempo e espaço, e mais importante, de confrontá-lo sem remorso ou culpa como resultado da sua afiliação nacional (Petra, 2013). Aquele que consome ficção sobre o Terceiro Reich espera, e deseja: *“[...] ver as grandes bandeiras Suásticas vermelhas penduradas nos edifícios desenhados por Albert Speer. Querem toda a pompa. E eles querem ver nazistas. Eles querem conhecê-los. [...] as pessoas querem violência. Eles querem “gore”, querem pessoas glamourosas cometendo atos hediondos.”* (Petra, 2013, pg. 37).

O momento histórico da Segunda Guerra, com suas memórias e sofrimentos, passou por uma institucionalização, já no final do conflito, a partir de uma cultura de empatia (Petra, 2013). Entretanto, ainda que o fascismo seja sempre caracterizado como o “mal absoluto” nas produções, a fetichização do mesmo, acarreta em uma relativa ausência de compreensão do fascismo como um fenômeno intelectual e emocional. Os diversos filmes e livros: “[...] *não desvalorizam o fascismo à ‘fascismo’, mas elevam fascismo à ‘fascismo’*” (Petra, 2013, pg. 153). Assim, a iconografia de “fascismo” dissolve as fronteiras entre as formas figurativas e o fascismo como movimento intelectual, emocional, político, etc; torna-se difícil distinguir entre pastiche e documentação, entre provocação e glorificação e entre o real e a imitação (Petra, 2013). Para a autora, portanto, existe atualmente uma erosão da habilidade de distinguir entre um reforço do fascismo/nazismo e uma crítica ao “fascismo”/“nazismo”.

É justamente essa crescente incapacidade de distinguir entre “fascismo” e fascismo que permite a ascensão da alt-right, assim como justifica o forte uso da ironia/humor, da vulgaridade e dos processos de apropriação de elementos, sem qualquer ligação fascista, pela extrema direita. Com a impossibilidade de delimitar aquilo que é verdadeiramente fascista, a justificativa do uso de alegorias de extrema direita e de linguagem ofensiva como piada se torna plausível, reduzindo os indivíduos que se engajam em tal atividade como “*edge lords*”; segundo o dicionário de Cambridge: “*aquele que intencionalmente expressa opiniões que são capazes de chocar ou ofender as pessoas, especialmente na internet, como uma forma de fazer os outros percebê-los ou admirá-los*”. A alt-right se expande a partir dessa “permissibilidade” das piadas ofensivas dentro da internet, visto que era praticamente impossível determinar se o indivíduo verdadeiramente acreditava naquilo que compartilhava ou não (Tuters, 2021).

A apropriação do vaporwave pela extrema direita, recebe o nome de “fashwave” (junção de fascismo e vaporwave). E está associado a um processo de modernização desses grupos, a fim de apelar mais atrativamente à audiências mais jovens (Bogerts; Fielitz, 2018). O fashwave faria parte daquilo que a autora Nancy S. Love, chama de “*Trendy Fascism*”, o fascismo atual como uma política cultural hipermoderna, que explora as mídias sociais com fim de criar uma comunidade global. Assim, o fashwave desempenha a função de propaganda cultural para a alt-right, principalmente porque a estética e forma musical por ela apropriadas não remetem de forma imediata ao fascismo, ou melhor, ao “fascismo”.



Figura 6: Exemplo de música fashwave. Publicada no Youtube pelo usuário Master Ra-Z. Na descrição o usuário autor comenta que “Esse vídeo tem intenção de ser uma expressão artística e não promove ódio contra nenhum indivíduo ou grupo”.

Uma das características mais enfáticas do movimento fascista, transformado em hipérbole no “fascismo”, é a violência. A violência cumpriu um papel estético que normalizava um imaginário de poder e apontava para a beleza e glória da guerra como transformadora do homem o qual, inserido no contexto de violência da guerra, estaria vivenciando a verdadeira masculinidade (Williams, 2018). Dessa forma, a violência seria responsável por criar o “novo homem”; a guerra é entendida como um renovador e catalisador da masculinidade.



Figura 7: Cartum crítico à exaltação da guerra por: C. D. Batchelor de abril de 1936.

A alt-right, entretanto, têm tido o cuidado de se distanciar de exibições ostensivas de violência, justamente por essa ser uma das características mais lembradas do fascismo (Williams, 2018). Quando analisamos a figura de Richard B. Spencer, um dos indivíduos mais influentes no movimento, percebe-se que, ao contrário do fascismo do século XX, e o “fascismo”, que tinham um caráter paramilitar e de violência explícita, Spencer não advoga para o uso da violência para atingir os ideais que acredita; esses podem ser obtidos através de metapolítica e meios legais/não violentos (Bar-On, 2019).



Figura 8: Exemplo de arte flashwave; ao fundo é possível ver um sol negro, símbolo nazista. Fonte: DeviantArt, postado pelo usuário TheShadowWeasel.

Isso não significa necessariamente que a alt-right não é violenta, o protesto “*Unite the Right*”, a invasão ao Capitólio e os próprios fundamentos do movimento provam esse ponto. Porém, existe um esforço por parte da alt-right de se caracterizar como não-violento, principalmente como forma de atrair membros. O fashwave, assim, não faz referência direta à violência na maioria das vezes, entretanto faz-se uma forte alusão ao imaginário militar, utilizando-se de imagens de soldados e tropas.



Figura 9: Exemplo de arte fashwave com referências militaristas: Fonte Pinterest, postado pelo usuário @jeffreypPhillipwolfman.



Figura 10: Exemplo de música fashwave, com referência a militarismo. Postado no Youtube por VRILwave.

O fashwave, se apresenta como uma forma de propaganda "comercializável" que ameniza a agressividade real da alt-right (Love, 2017). Ademais, o caráter majoritariamente instrumental do fashwave, com apenas pequenos enxertos de discursos de líderes como Mussolini e Hitler, permite uma maior propagação e o torna mais apelativo, principalmente para um público desavisado, além de tornar mais difícil a retirada da música das plataformas online (McLeod, 2018; Love, 2017). O fashwave, é, portanto, “...o produto final da metapolitização das ideias fascista” (Tuters, 2021, pg. 176).



Figura 11: Exemplo de música fashwave. Postado no Youtube por Xurious.

A transformação do vaporwave em fashwave decorre, também, de algumas similaridades entre os fundamentos da corrente musical e estética com o movimento político. Ambos trabalham dentro de uma chave de decadência da sociedade ocidental. A desilusão com a promessa neo-liberal e a cultura de consumo, gera nostalgia aos tempos “melhores”, ou, ao período em que não se sabia que o futuro iria fracassar. Existe uma forte semelhança entre o sentimento de decadência do vaporwave com a ideia de "declínio do ocidente” de Spengler, o qual fundamenta movimentos fascistas (Engels, 2019). A ideia da cultura ocidental estar ruindo originou, na vertente cultural do fascismo, uma nostalgia e saudosismo. Tanto o nazismo quanto o fascismo italiano buscavam um passado glorioso para fundamentar o presente e o futuro.

Para a alt-right, a decadência é consequência direta do multiculturalismo e da globalização, que promoveu políticas de abertura dos EUA à imigração e medidas afirmativas para as minorias raciais. Tanto o vaporwave quanto a alt-right acreditam no fracasso das políticas desenvolvidas nos anos 80-90, alimentando uma forte decepção e descrença nos sistemas políticos, econômicos, culturais, sociais, etc. Enquanto o vaporwave resgata os elementos do período para criticá-lo, a alt-right abraça o passado como: *“um retorno a modelos de força, glória e afirmação de valores ditos tradicionais [...] ou mesmo a um retorno às ideias de resgate de pureza racial e social”* (Alexandre; Maeso, 2019, pg. 55). O fashwave, é saudosista de um imaginário de vida que a alt-right sabe, conscientemente, que nunca existiu e provavelmente nunca existirá. A ideia de um Etno-Estado branco, é o “fantasma” que assombra o movimento, uma promessa que, nunca cumprida, continua a vagar no imaginário da extrema direita.



Figura 12: Arte fashwave. Fonte: Folha — O que é o Vaporwave, a estética criada na música eletrônica e apropriada pela nova direita.

Além dessa frustração com o presente, a estética do vaporwave, com a mistura de elementos digitais com objetos clássicos, de forma acidental faz lembrar a ideia de arqueofuturismo do intelectual da extrema direita Guillaume Faye. O arqueofuturismo é caracterizado pela aceitação dos avanços tecno-científicos dentro de uma sociedade que se mantém tradicional (François, 2019). Outro paralelo são os conceitos de Julius Evola de “*men among the ruins*”, “*ride the tiger*”, “*kaliyuga*” e à ideia de transcendência do autor (Tuters, 2021). Dois pontos de comparação com Evola que merecem destaque, é o conceito de “*kaliyuga*” e a ideia de transcendência, que está diretamente ligada ao primeiro.

Evola compreende a história do mundo como uma desenvolvimento de um estado cultural originalmente espiritual e tradicional, para a realidade atual de Idade do Ferro ou Idade das Trevas (kālī-Yuga). Apenas com o colapso da sociedade moderna seria possível transcender novamente para esse estado de tradição integral (Hakl, 2019). Enquanto a ideia de transcendência, é trabalhada dentro do vaporwave pela forma musical - confusa, repetitiva, distorcida e irregular - buscando sempre romper e superar a cultura de consumo (Tanner, 2016). O fashwave utiliza da ideia de transcendência da sociedade atual para essa tradicional, obviamente branca. Para Andrew Anglin, famoso neo-nazista norte americano e fundador do “The Daily Stormer”, o fashwave seria a estética mais branca de todos os tempos, que visa dar suporte a jovens rapazes na construção de sua identidade para capacitá-lo à transgressão entre os reinos de transcendência holística e libertaria (Tuters, 2021).



Figura 13: Exemplo de arte fashwave, com referência direta ao livro de Julius Evola “Revolta Contra o Mundo Moderno”. Fonte: Pinterest, postado pelo usuário Mehpare Bleda.

Além do fashwave, outros dois produtos subsequentes do vaporwave chamam atenção: o “trumpwave” e “bolsowave”. Ambos se popularizaram na época das eleições. O trumpwave faz referência ao ex-presidente norte americano Donald Trump; junção de

“Trump” com “vaporwave”. E o bolsowave faz referência ao presidente brasileiro Jair Bolsonaro; junção de “Bolsonaro” com “vaporwave”.

Assim como o fashwave, os anos 80 e 90 referenciados pela corrente vaporwave, possuem uma forte significância para o trumpwave. O momento representa as promessas neoliberais de hiperglobalização, segurança dos mercados, prosperidade e crescimento econômico, expansão da cultura do empreendedorismo, entre outros. E marca o nascimento da cultura “*Yuppie*” (Young Urban Professional, ou, Jovem Profissional Urbano). A do jovem executivo, profissionalmente bem remunerado, e que gasta sua renda em artigos de luxo e atividades caras, a qual o Trump foi um dos seus maiores símbolos (Alexandre; Maeso, 2019). A campanha do ex-presidente se apoiou em cima de um saudosismo aos tempos de ouro dos Estados Unidos, com seu infame slogan “*Make America Great Again*”, do clima próspero dos anos 80/90, a qual ele mesmo foi símbolo.



Figura 14: Exemplo de arte trumpwave. Fonte: Vice — Trumpwave and Fashwave Are Just the Latest Disturbing Examples of the Far-Right Appropriating Electronic Music.

Os elementos estilísticos do vaporwave, portanto, apresentam exatamente aquilo que Trump tentava emoldurar. O trumpwave não possui qualquer tipo de crítica em sua forma ou conteúdo, ele apenas utiliza a nostalgia do passado como conexão propagandista para a exaltação dos valores vivenciados nos Estados Unidos durante aqueles anos (Azambuja; Montenegro, 2020). A propagação do trumpwave se deu em certa medida pela alt-right, entretanto, Trump não é considerado membro da alt-right. Porém, a retórica maldosa aliada a uma agenda política anti-imigratória, antiglobalista, protecionista e nacionalista; transformou Trump no candidato da alt-right; ele seria responsável por direcionar a política norte-americana na direção certa (Hawley, 2019; Main, 2018; Williams, 2018). O trumpwave

disseminado pela alt-right personificava-o como o herdeiro moderno da mitologia dos anos 80, uma década entendida como pura racialmente e de capitalismo desenfreado (McLeod, 2018).



Figura 15: Exemplo de música trumpwave. Publicado no Youtube pelo usuário L.Mのお洒落なChannel.

O bolsowave, assim como o trumpwave, é uma apropriação puramente propagandística, a qual foi adotada por aliados do então candidato Bolsonaro, como Filipe Martins e Carla Zambelli. Entretanto, diferente dos outros dois produtos do vaporwave, os anos 80/90 no Brasil não possuem o mesmo apelo nostálgico que nos Estados Unidos. A situação brasileira nos anos 80/90 era desastrosa; a economia estava deplorável com a hiperinflação e ainda havia o contexto de ditadura militar. O bolsowave surge não como uma apropriação do vaporwave, mas do trumpwave; é uma cópia das estratégias políticas norte-americanas (Azambuja; Montenegro, 2020). Serve para despertar uma nostalgia seletiva que desconsidera partes essenciais da realidade política e social do Brasil na época.



Figura 16: Carla Zambelli, deputada federal em São Paulo. Com a capa de seu Twitter no estilo vaporwave.



Figura 17: Felipe Martins, ex-assessor do presidente Bolsonaro. Com a capa do seu Twitter sendo uma arte “fashwave”.



Figura 18: Exemplo de arte bolsowave. Fonte: Metrôpoles — Vaporwave: conheça a estética da moda no bolsonarismo.

Conclusão

O vaporwave e o seu desdobramento em fashwave, nasce de um mesmo desafeto socioeconômico e manifestam, assim, críticas ao fracasso político e da utopia dos sonhos de capitalismo corporativista dos anos 80 (McLeod, 2018). Porém, enquanto o vaporwave constrói uma crítica ao futuro prometido e inalcançado, buscando superar os conflitos gerados por um capitalismo de consumo, o fashwave, é produto desses conflitos. A expansão dos grupos de extrema-direita, está ligado, entre outros motivos, aos problemas econômicos gerados pela agenda neo-liberal dos anos 80-90 e agravados pelo 11 de setembro e a crise econômica de 2008, os quais leva a criação de “bodes expiatórios” (Hawley, 2019; Main, 2018; Williams, 2018).

O fashwave se apropria da estética vaporwave, para criar uma narrativa que, em certa medida, apenas reproduz os antagonismos criados pelo capitalismo, sem de fato endereçá-los. Isso se observa pela reprodução dos princípios anti-igualitaristas e racistas da alt-right nas imagens propagadas na internet. Como por exemplo as legendas: “igualdade é um deus falso” (figura 12) e “direitos humanos só podem ser assegurados entre pessoas virtuosas” (figura 9). Outras imagens, porém, são menos óbvias, e trabalham mais com uma estética militarizada, mas que não fazem referência ao militarismo fascista. A música de Xeryus, usada de exemplo sobre a questão, utiliza do imaginário napoleônico; é comum também encontrar referências aos templários e guerreiros nórdicos. Existem, outras produções flashwave que são bem menos sutis em suas construções, essas, porém, assim como os memes mais diretos e ofensivos, tendem a ficar nos círculos menores do próprio grupo (Hawley, 2019).

O que genuinamente preocupa na expansão do fashwave é a facilidade de se encontrar material a respeito. A crescente incapacidade de distinguir-se entre “fascismo” e fascismo, facilita a propagação dessas produções e dificulta a retirada desse material no meio online. A exclusão de discussões sobre o lado intelectual e emocional do fascismo na sociedade, torna quase impossível justificar que uma imagem de uma estátua grega com “*glitches*” e com a legenda “*revolt against the modern world*”, faça referência ao movimento. É preciso um hall de referências para conectar a duas questões, a qual, porém, é conhecida apenas para membros da extrema direita ou para quem a estuda.

Essa fácil permeabilidade dos extremismos de direita no ambiente online, se amplifica para escala global. Uma estratégia propagandista norte-americana, em pouco tempo é transportada para a realidade brasileira e articulada dentro das redes sociais. As consequências dessa lógica global de disseminação de conteúdo extremista, supera a questão de escolhas partidárias e eleitorais. O responsável pelo massacre de Buffalo, realizado em 13 de maio de 2022 e com 10 mortes, admitiu que se radicalizou online a partir de teorias de conspiração da “Grande Substituição”, a qual alega que pessoas brancas estão sendo demograficamente e culturalmente substituídas por imigrantes não-brancos e grupos minoritários; postadas em sites como o Reddit e 4chan (El País, 22). Não importa o quanto a alt-right tente passar uma imagem pacífica a partir de memes, “piadas” e uma estética vibrante e nostálgica; os princípios que a funda são e estimulam a violência.

O Brasil ainda não chegou a ver ataques terroristas de extrema direita semelhantes ao caso ocorrido nos EUA. Porém, o aumento expressivo de grupos extremistas no país (O

Globo, 2022), aliados com a lógica global de compartilhamento de ideias nas redes sociais, é o suficiente para preocupar se membros da extrema direita brasileira seguiram o exemplo da alt-right para além de simples cópia estética e propagandista.

Referências Bibliográficas

ALEXANDRE, Tarik Vivan; MAESO, Benito Eduardo A. “Original” Soundtrack: Pastiche e Crise Política no Revival Sonoro e Visual dos Anos 80. **ArteFilosofia**, nº27, dezembro de 2019, p. 42-61.

AZAMBUJA, Patrícia; MONTENEGRO, Teodoro. Estética digital Vaporwave: da experiência artística da fluidez à volatilidade da comunicação político-partidária. **Cambiassu: Estudos em Comunicação**, nº 24, v. 15, 2020, p. 115-134.

BAR-ON, Tamir. **Richard Spencer and Alt-right**. In: SEDGWICK, Mark. Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy. Oxford, 2019.

BOGERTS, Lisa; FIELITZ, Maik. “Do You Want Meme War?”: Understanding the Visual Memes of the German Far Right. In: Post-Digital Cultures of the Far Right: Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US. Transcript, 2019, p. 137-151.

ENGELS, David. **Oswald Spengler and the Decline of the West**. In: SEDGWICK, Mark. Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy. Oxford, 2019.

FIGUEIREDO, Janaína. Brasil é o país onde extremismo de direita mais avança com mais de 530 células. O Globo, Rio de Janeiro, Fev. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-o-pais-onde-extremismo-de-direita-mais-avanca-com-mais-de-530-celulas-25411436>> Acesso em: 14 jun. 2022.

FRANÇOIS, Stephane. **Guillaume Faye and Archeofuturism**. In: SEDGWICK, Mark. Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy. Oxford, 2019.

HAKL, H. Thomas. **Julius Evola and Tradition**. In: SEDGWICK, Mark. Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy. Oxford, 2019.

HAWLEY, George. **The Alt-Right: What Everyone Needs to Know**. New York: Oxford University Press, 2019.

LOVE, Nancy S. Back to the Future: Trendy Fascism, the Trump Effect, and the Alt-Right. **New Political Science**, n° 39, v.2, 2017, p. 263-268.

MAIN, Thomas J. **The Rise of the Alt-Right**. Washington, D.C: Brookings Institution Press, 2018.

MCLEOD, Ken. Vaporwave: Politics, Protest, and Identity. **Journal of Popular Music Studies**, n° 30, v.4, 2018, p. 123-142.

RAU, Petra. **Our Nazis: Representations of Fascism in Contemporary Literature and Film**. Grã Bretanha: Edinburgh University Press, 2013.

SEISDEDOS, Iker. Payton Gendron: How the Buffalo shooter descended into the underworld of white supremacy. **El País**, New York, Maio. 2022. Disponível em: <<https://english.elpais.com/usa/2022-05-21/payton-gendron-how-the-buffalo-shooter-descended-into-the-underworld-of-white-supremacy.html>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SPARKS, Hannah. Go figure: ‘My Little Pony’ is popular with Nazis. **New York Post**, Jun. 2020. Disponível em: <<https://nypost.com/2020/06/25/my-little-pony-is-popular-with-nazis-who-call-themselves-bronies/>>. Acesso em: 29 maio. 2022.

TSUKAYAMA, Hayley. Facebook reaches 1 billion users. **The Washington Post**, Oct. 2012. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/business/technology/facebook-reaches-1-billion-users/2012/10/04/5edfefb2-0e14-11e2-bb5e-492c0d30bff6_story.html> Acesso em: 12 maio. 2022.

TUTERS, Marc. Fashwave and the False Paradox of Ironic Nazism. **Krisis**, n° 41, v.1, 2021, p. 172-178.

WILLIAMS, Byron Edward. **The Nature of the Alt-Right**. 2018. Tese (Mestrado em Artes) - Victoria University of Wellington, 2018.

Fontes de Som e de Imagem:

Figura 1: Macintosh Plus’. **Floral Shoppe** フローラルの専門店. Beer On the Rug, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4v8mo7mqBiQ>> Acesso em: 18 maio. 2022.

Figura 2: Internet Club. **Vanishing Vision**, 2012. Disponível em: <<https://internetclub.bandcamp.com/album/vanishing-vision>> Acesso em: 18 maio. 2022.

Figura 3: New Dreams Ltd. **Initiation Tape**, 2011. Disponível em: <https://www.discogs.com/pt_BR/release/4150520-New-Dreams-Ltd-Initiation-Tape-Part-One> Acesso em: 18 maio. 2022.

Figura 4: 死夢VANITY. **nightlife**, 2015. Disponível em: <<https://soundcloud.com/lavishmemories/nightlife>> Acesso em: 18 maio. 2022.

Figura 5: 식료품groceries. **슈퍼마켓Yes! We're Open**, 2014. Disponível em: <<https://soundcloud.com/groceries-store/sets/yes-were-open>> Acesso em: 18 maio. 2022.

Figura 6: Mestre Æce. **Day of the Rope Fashwave**, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CBUb8Um5ric>> Acesso em: 18 maio. 2022.

Figura 7: CRONIN, Brian. **A Month of Pulitzer Prize Winning Cartoons - Day 2**. CBR.com, Mar. 2009. Disponível em: <<https://www.cbr.com/a-month-of-pulitzer-prize-winning-cartoons-day-2/>> Acesso em: 29 maio. 2022.

Figura 8: TheShadowWeasel. **Ritsu Tainaka Fashwave**, 2020. Disponível em: <<https://www.deviantart.com/theshadowweasel/art/Ritsu-Tainaka-Fashwave-860073032>> Acesso em: 27 maio. 2022.

Figura 9: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/659495939170693114/>> Acesso em: 27 maio. 2022.

Figura 10: VRILwave. **Xurious - Apotheosis (432 Hz)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eYCozEPh8nM&list=PLUS_TjC_w3TCUM5MmPOM_vRDDFxaHB_VC6&index=16> Acesso em: 27 maio. 2022.

Figura 11: Audio World. **Xurious - Dying Society**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=juDSzGo-vUw>> Acesso em: 27 maio. 2022.

Figura 12: MEIRELES, Maurício. **O que é vaporwave, a estética criada na música eletrônica e apropriada pela nova direita**. **Folha de S. Paulo**. Jun. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/o-que-e-vaporwave-a-estetica-criada-na-musica-eletronica-e-apropriada-pela-nova-direita.shtml>> Acesso em: 29 maio. 2022.

Figura 13: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/625085623267401169/>> Acesso em: 27 maio. 2022.

Figura 14: BULLOCK, Penn; KERRY, Eli. Trumpwave and Fashwave Are Just the Latest Disturbing Examples of the Far-Right Appropriating Electronic Music. **VICE**, Jan. 2017. Disponível em: <<https://www.vice.com/en/article/mgwk7b/trumpwave-fashwave-far-right-appropriation-vaporwave-synthwave>> Acesso em: 29 maio. 2022.

Figura 15: L.Mのお洒落なChannel. **T r u m p w a v e**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0ZsD82-Hlp8>> Acesso em:

Figura 16: VELEDA, Raphael. Vaporwave: conheça a estética da moda no bolsonarism. **Metrópoles**, Out. 2019. <Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/vaporwave-conheca-a-estetica-oficial-do-bolsonarismo>> Acesso em: 29 maio. 2022.

Figura 17: VELEDA, Raphael. Vaporwave: conheça a estética da moda no bolsonarism. **Metrópoles**, Out. 2019. <Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/vaporwave-conheca-a-estetica-oficial-do-bolsonarismo>> Acesso em: 29 maio. 2022.

Figura 18: VELEDA, Raphael. Vaporwave: conheça a estética da moda no bolsonarism. **Metrópoles**, Out. 2019. <Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/vaporwave-conheca-a-estetca-oficial-do-bolsonarismo>> Acesso em: 29 maio. 2022.